

A fabricação do espaço na *Vita Columbae*

1.1 Introdução.

Espaço e lugar podem ser entendidos como experiências humanas. A representação de um lugar não existe fora da esfera da percepção individual ou coletiva, ao menos dentro dessa perspectiva. É o resultado do cruzamento de interações e trocas culturais, significando que mesmo sendo um ponto fixo no espaço, sua condição é mutável por natureza. Esse mesmo lugar pode ser percebido de maneira positiva, neutra ou negativa, de acordo com a pessoa ou grupo o representando. Isso significa que, longe de ser um objeto imóvel e passivo, o lugar é dotado de expectativas daqueles que os ocupam ou pretendem ocupar. Ele é percebido, organizado e dividido de modo a atender interesses políticos, econômicos e religiosos. Em outras palavras, espaço e lugar são fabricações, e não apenas pontos com uma correspondência física. São dotados de “personalidade”¹. São objetos valiosos dos jogos de interesses da experiência humana, e são moldados para refletirem tais interesses. Este trabalho tem por objetivo investigar a ideia de espaço e lugar a partir da leitura de uma fonte alto-medieval irlandesa. Mais especificamente, trabalharemos com a *Vita sancti Columbae* de Adomnán de Iona, escrita por volta da última década do séc. VII, no monastério homônimo, que se situava em uma pequena ilha na costa oeste da atual Escócia.

Essa fonte é classificada como uma hagiografia – do grego *hagios* (sagrado) e *graphe* (escrita), ou seja, uma escrita do sagrado², um testemunho escrito que tinha o aparente objetivo de demonstrar a santidade de um indivíduo em vida, através da narrativa de seus feitos, dos seus dizeres e ensinamentos, das propriedades de suas relíquias e do poder de seus milagres³. Argumentamos que esse objetivo era aparente pois corresponde apenas ao nível mais superficial do texto. Como no caso de nossa hagiografia, é possível inferir através de uma investigação cuidadosa as preocupações do momento político que vão muito além de um simples atestado de bem-aventurança a quem o texto é dedicado. Este trabalho se ocupa com a investigação da maneira com que espaço e lugar são representados nesse texto, que narra a agitada atividade

¹ TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. 7. print. Minneapolis, Minn.: Univ. of Minnesota Press, 2011, p.91.

² HEAD, Thomas; NOBLE, Thomas F. X. (eds.). **Soldiers of Christ. Saints and Saints' Lives from Late Antiquity and Early Middle Ages**. London: Sheed & Ward, 1995, p.xvii.

³ Não ignoramos, no entanto, que o corpo documental das hagiografias é extremamente variado em conteúdo e forma, não apenas através do tempo, mas também do lugar onde foram produzidos, apresentando uma gama de problemas de classificação enquanto fontes historiográficas. Para um estudo dessa natureza, recomendamos: PALMER, James T. **Early Medieval Hagiography**. St. Andrews: Past Imperfect, 2018.

missionária de São Columba, fundador de mosteiros (inclusive Iona) que viveu no séc. VI e atuou nos esforços de cristianização dos Pictos. Nos preocupamos com quais lugares e espaços são descritos, quantas vezes o são, de que maneira o são, e como são utilizados por Adomnán para construir uma imagem representativa de sua realidade, encontrando na figura de São Columba um modelo para a sua comunidade. Comunidade essa que é um elemento chave para entender a razão de ser da hagiografia a que dedicamos esta investigação. Tanto Adomnán, como São Columba pertenciam ao antigo clã irlandês dos Uí Neill. Os Uí Neill eram divididos em dois ramos principais, do Norte e do Sul. Dominaram por quase toda a sua existência os territórios que correspondem aos condados atuais de Derry, Tyrone e norte de Armagh, principalmente. A rivalidade entre as duas dinastias era característica, terminando apenas em 916 na ocasião de nomeação de Flann Sinna como alto-rei de Tara, a fim de que se juntassem forças para repelir as incursões Vikings na costa irlandesa⁴. Mais especificamente, faziam parte do ramo do norte da dinastia, sendo que Adomnán possuía parentesco com Columba⁵.

O autor de nossa fonte, nono abade de Iona, escreve sobre os milagres atribuídos ao santo, dividindo sua hagiografia em três livros, cada um relatando determinados tipos de milagres. Sendo assim, temos no primeiro livro a narrativa de milagres atribuídos ao poder de clarividência e previsão de Columba (*propheticiis revelationibus*); no segundo livro, Adomnán apresenta ao leitor um conjunto de histórias sobre os milagres de poder (*virtutum miraculis*) do santo; já o terceiro livro é dedicado ao conjunto de aparições de seres angelicais e manifestações luminosas relacionadas ao santo (*angelicas apparitiones*). Partimos do entendimento que, a cada livro, a potência dos milagres é aumentada⁶, sendo que muitos dos milagres dos livros 2 e 3 são apresentados por Adomnán como uma soma de diferentes tipos de milagres.

Desde previsões sobre batalhas, ao enfrentamento de monstros, à bênção das terras férteis e manifestações angelicais, a *Vita* está repleta de histórias sobre seres fantásticos, de lugares povoados e outros nem tanto, entendidos como “desertos”. Colocamos este último termo entre aspas pois a ideia de *desertus* está difundida ao longo de todo o texto. O *desertus* de Adomnán encontra uma correspondência especial no mar, uma noção que à primeira vista parece paradoxal. Expressa uma ideia de espaço propício ao ascetismo, um espaço de provação voluntária. Ao evocar este deserto, o autor o faz resgatando uma tradição, principalmente da

⁴ Cf. DUFFY, Seán. (ed.). **Medieval Ireland. An Encyclopedia**. New York: Routledge, 2005, p.477-478.

⁵ SHARPE, Richard (trad.). **Life of Saint Columba**. London: Penguin Books, 1995, p.19.

⁶ NILSSON, Sara E. E. **Miracle Stories and the Primary Purpose of Adomnán's Vita Columbae**. In: CHAZELLE, C., FORSMAN, D. (eds.). *A Journal of Early Medieval Northwestern Europe*, nº10, 2007, pp.7.

palavra escrita, de entender o deserto como espaço de provação para o cristão: está presente em histórias bíblicas e também em um dos documentos “fundadores” do gênero hagiográfico, a Vida de Santo Antão, escrita por Atanásio de Alexandria⁷. Nessa hagiografia, o deserto é descrito como o principal cenário das provações de Antão⁸.

Buscaremos demonstrar, ao longo desta dissertação, que esse termo entendido por Adomnán é fundamental para compreendermos a maneira com que o autor percebe e organiza os espaços e lugares citados no texto. Entendemos que, por motivos topográficos, Adomnán transporta essa tradição do deserto para a sua realidade: escolheu o mar para isso. Iniciamos nossa exposição com um episódio de intensos desdobramentos políticos, e que exemplifica a maneira com que Adomnán relaciona elementos espaciais na sua obra.

Por volta do ano 574, ocorre o ritual de unção e ordenação do rei da Dalriada⁹, Áedan mac Gabráin no monastério de Iona, conforme narrado por seu nono abade, Adomnán:

[...]“Pois saiba, em verdade, que vim a você, enviado por Deus, com o livro de vidro, para garantir que você ordene Áedan ao reinado de acordo com as palavras que você leu nele. Mas, se você recusar este comando, eu o açoitarei novamente”. Dessa maneira o anjo do Senhor apareceu para São Columba em três sucessivas noites, cada vez trazendo o mesmo livro de vidro, e cada vez demandando que ele ordenasse Áedan como rei. O beato obedeceu a palavra do Senhor e navegou de Hinba até Iona, onde Áedán havia chegado há pouco, e ele o ordenou rei de acordo com o comando do Senhor. Enquanto fazia a ordenação, São Columba também professou o futuro dos filhos de Áedán e seus netos e bisnetos, em seguida, repousou sua mão na cabeça de Áedán e o abençoou.¹⁰

⁷ ATHANASIUS. **Vita Antonii**. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0295-0373__Athanasius__Vita_Antonii__MGR.pdf.html>

⁸ Wendy Davies dedica um artigo para tratar das espacialidades do deserto, dentre outros apontamentos, no fenômeno do monasticismo. Cf., DAVIES, Wendy. **Monastic Landscapes and Society**. The Oxford Handbook of Medieval Christianity, 2014, p.1-12.

⁹ DUFFY, Seán. (ed.). **Medieval Ireland. An Encyclopedia**. New York: Routledge, 2005, p.422. A Dálriada ou Dál Riata foi um reino gaélico que compreendia o território do norte da Irlanda e da costa oeste da Escócia, observando um fluxo migratório considerável de irlandeses atravessando o Canal do Norte para se estabelecer na supracitada costa. Após a travessia da família irlandesa líder da Dalriada para a parte escocesa, passou a ser comum denominar cada parte do território como Dalriada Irlandesa e Dalriada Escocesa. Cf. **Dalriada**. Encyclopaedia Britannica. Disponível em <<https://www.britannica.com/place/Dalriada>>.

¹⁰ [...] *Hocque intulit verbum, Pro certo scias, inquiens, quia ad te a Deo missus sum cum vitreo libro, ut juxta verba quae in eo legisti, Aidanum in regnum ordines. Quod si obsecundare huic nolueris jussioni, percutiam te iterato. Hic itaque angelus Damini, cum per tres continuas noctes, eundem in manu vitreum habens codicem, apparuisset, eademque Domini jussa de regis ejusdem ordinatione commendasset, Sanctus, verbo obsecutus Domini, ad Iouvam transnavigavit insulam, ibidemque Aidanum, iisdem adventantem diebus, in regem, sicut erat*

Essa pequena passagem de Adomnán nos revela alguns elementos interessantes: em primeiro lugar, se considerarmos o período em que foi escrita, em torno da última década do século VII – ou seja, mais de cem anos após os acontecimentos narrados, teríamos um pioneirismo da prática religiosa da igreja irlandesa, a da ordenação real, já no século VI. A ordenação de Áedan, um aliado recente, significa a manutenção da relevância do clã Uí Neill no cenário político e, que vale ressaltar, tanto Adomnán como Columba eram pertencentes. No entanto, há tempos se discute se a organização da Igreja na Irlanda de 550 a 700 possuía estrutura para organizar uma cerimônia de tamanha importância. Era muitas vezes considerada como arcaica e sem um aparato administrativo formado, o que dificultava qualquer uma de suas atividades¹¹, levando historiadores a questionarem a validade histórica do testemunho de Adomnán para um episódio de complexo desdobramento religioso e político como a ordenação real¹².

Podemos adicionar a isso, também, o fato de que Iona não desfrutava da mesma importância geopolítica no século VI do que nos séculos posteriores¹³. Em outras palavras, hoje tendemos a dizer que de fato a ordenação de Áedan nunca ocorreu¹⁴. Ao menos do ponto de vista histórico, o que, para Adomnán, escrevendo uma hagiografia, não era um problema de primeira ordem. Uma breve consulta aos Anais de Ulster nos revela que a primeira ordenação em Iona acontece somente em 704, e esta seria a única para todo o século VIII¹⁵. Longe de ser a única incompatibilidade dos textos do abade com os Anais de Ulster, sua *Vita* é repleta de incongruências semelhantes à esta narrada. Historiadores como Michael Enright apontam para essa curiosa relação, advertindo o uso cauteloso que se deve fazer desta fonte enquanto possuidora de evidências históricas.

jussus, ordinavit. Et inter ordinationis verba, de filiis et nepotibus pronepotibusque ejus futura prophetizavit: imponensque manum super caput ejus, ordinans benedixit. ADOMNÁN OF IONA. **Vita sancti Columbae.** In: REEVES, William (ed.). **Life of Saint Columba, founder of Hy, ninth abbot of that monastery.** Dublin: The University Press for Irish Archaeological and Celtic Society, 1857, p.198.

¹¹ Cf. HUGHES, Kathleen. **The Church in Early Irish Society.** Cornell University Press: New York, 1966.

¹² ENRIGHT, Michael. **Iona, Tara and Soissons.** Walter de Gruyter: New York, London, 1995, p.9-11.

¹³ *Ibid.*, p.8.

¹⁴ Se ocorreu, foi de uma maneira muito diferente da *ordinatio* mais conhecida da Europa continental, por exemplo. Dr. Enright argumenta que o episódio da ordenação de Áedan, na verdade, é uma exposição de um modelo de *kingship* de Adomnán, baseado em histórias do Velho Testamento. Cf. ENRIGHT, Michael. **Iona, Tara and Soissons.** Walter de Gruyter: New York, London, 1995.

¹⁵ *Ibidem*, p.9.

Isso não significa, certamente, que historiadores e estudiosos dedicados aos temas desta hagiografia tenham simplesmente desconsiderado a sua narrativa como possuidora de validade histórica, mas apenas que, como muitas outras hagiografias, a sua análise exige determinados cuidados de interpretação. Ainda que não possamos dizer veementemente que a *ordinatio* tenha ocorrido nos termos narrados, devemos nos atentar ao fato de simplesmente estar presente no texto, e nos perguntar qual era o objetivo do autor ao trazer esse dado para o seu leitor contemporâneo. Conforme apresentamos, Adomnán fazia parte de uma linhagem dos Uí Neill, e seria de se esperar utilizar um documento desta natureza para promover a memória e a legitimidade de sua *familia*, especialmente ao se relacionar com a linhagem que comandava este clã. No caso, o rei Áedan da Dalriada teria feito uma aliança com os Uí Neill na ocasião da convenção de *Druim Cett*¹⁶, mencionada na *Vita Columbae*. Dáibhí Ó Cróinin nos oferece um quadro dessa situação:

“[...]Áedán mac Gabráin made an alliance with the Uí Neill; this alliance was forged through the good offices of Collum Cille, whose first cousin was the northern Uí Neill high-king. The occasion of the agreement was the famous convention of Druim Cett, now Mullagh, Daisy Hill, near Limavady in Co. Londonderry, in 590; this saw a gathering of kings and clerics from Ireland and Scottish Dál Riata, with Colum Cille and others in attendance. The annals are singularly uninformative about the event, and Adomnán, who mentions it in passing in his Life of Columba, says nothing about its purpose. Later Irish tradition presented it as the occasion when Columba saved the poets of Ireland from disbandment. It seems more likely, however, that the convention settled the vexed question of the relationship between the Dál Riata and Uí Néill, while cementing the military alliance against Báetán mac Cairill. With Báetán’s (untimely?) death, however, Áedán became the principal Irish player in these dangerous political games.”¹⁷

Através da leitura desta passagem, a questão da *ordinatio* nos parece um pouco mais esclarecida. Se pensarmos em termos de espaço, Adomnán está colocando o monastério de Iona

¹⁶ *Druim Cett* é uma colina nos arredores de Derry. Foi palco de um importante encontro entre Áedan mac Gabráin e o *overlord* Uí Neill do norte, Áed mac Ainmirech. Sharpe oferece a data de 590 para este encontro, enquanto os Anais de Ulster oferecem a data de 575 (apenas um ano após a ordenação de Áedan como rei). O objetivo exato desse encontro dos reis é incerto, mas dados os participantes, infere-se que tenha sido para forjar uma aliança entre as partes presentes. SHARPE, Richard. *Op.Cit.*, p.554-556.

¹⁷ CRÓININ, Dáibhí Ó. **Early Medieval Ireland 400-1200**. London: Routledge, 2017, p.73.

no centro de uma situação política que repercutiu durante décadas, nomeadamente a aliança de Áedán com o *kinship* do abade. Tendo a *ordinatio* acontecido (segundo Adomnán, é claro) em 574 e a conferência de *Druim Cett* entre 575-590¹⁸, conforme discutimos na nota 14, podemos entender que o abade procurou situar Iona desempenhando uma função central na vida política da região, ao investir nesta aliança – pois a *ordinatio*, que foi em primeiro lugar revelada a Columba, aproximou o rei e os Uí Neill, e ainda tendo o santo profetizado sobre as futuras gerações de Áedan, tudo sob os desígnios de Deus¹⁹. Além disso, a conferência parece ter sido majoritariamente organizada por Columba (que também era conhecido por Collum Cille), desempenhando um papel de mediador de conflitos e interesses que é evidenciado por Adomnán em algumas passagens de seu texto hagiográfico.

Adomnán adota essa postura em diversas ocasiões da obra, transportando a realidade política de sua época para o texto – Iona poderia ser considerada um centro diplomático ao fim do século VII, mas não o era em 574²⁰, informação que foi transmitida à época de Columba na hagiografia. Este é um dado que devemos ter em mente ao tratar da *Vita* pois, se Adomnán projeta uma situação política contemporânea para mais de 100 anos antes, podemos afirmar que o mesmo ocorria com a dimensão da representação espacial. Ou seja, o autor projeta ideias de espaço que não necessariamente encontravam correspondência para a época que estava narrando em seus escritos.

Em outras palavras, buscamos apresentar um elemento central para entender a obra de Adomnán: a relação entre uma situação narrada (a *ordinatio*), os milagres de São Columba (afinal, estamos tratando de uma hagiografia) e o lugar descrito (Iona). Essas três categorias se configuram como uma chave de leitura oportuna para trabalharmos as questões sobre o espaço e sua representação, e esta “fórmula” caracteriza toda a *Vita*. Pretendemos, com isto, inteirar o leitor deste trabalho à maneira com que investigamos o documento até aqui: tendo sempre no horizonte essa suposta falta de veracidade histórica por parte de Adomnán (isto é, uma projeção das suas ideias aos acontecimentos narrados), que não está preocupado com isso, daí a grande incongruência com os Anais de Ulster e de Tigernach identificadas por Enright, e dessa maneira nos permitindo observar, dentre outros apontamentos, como Adomnán buscou construir a imagem do monastério de Iona em seu tempo, e como buscou transmitir isso à sua audiência.

¹⁸ A datação é incerta, dependendo de qual fonte se está utilizando para situar a convenção. Cf. DUFFY, Sean (ed.). **Medieval Ireland. An Encyclopedia**. New York: Routledge, 2005, p.5-6.

¹⁹ *Domini jussa de regis ejusdem ordinatione commendasset*.

²⁰ SHARPE, Richard. *Op.Cit.*, p.83-84.

Retornando aos dois pontos que nos propusemos a elencar neste momento, em segundo lugar observamos a presença de personagens de qualidade especial na narrativa de Adomnán: as aparições de seres celestiais são tema comum ao longo de boa parte da *Vita Columbae*, principalmente no terceiro e último livro. Isso significa um contato frequente de Columba com a esfera sobrenatural que, conforme demonstraremos, era um mistério revelado a poucas pessoas em sua época e lugar, mas era ao mesmo tempo um elemento constituinte e primordial para se entender a organização e representação do espaço da sua época. Além do mais, o contato de Columba com essas manifestações significa um ideal de santidade que Adomnán está projetando para o santo fundador de Iona. Este ideal é de um operador de milagres que tem impacto em toda a sua comunidade, evidenciando seu caráter missionário, um soldado de Cristo que, dada a geografia da região, Adomnán se refere a ele como um *miles insulanus*. O impacto na comunidade a que nos referimos é inferido através do conteúdo das histórias de milagres. Conforme apresentamos, o primeiro livro trata de milagres envolvendo a clarividência e poder de previsão do santo: como Columba dita profecias a diversas pessoas, entendemos que essa “interferência” do santo modifica o curso da comunidade. O segundo livro, sobre os milagres de poder, apresenta uma série de intervenções de Columba sobre assuntos cotidianos, como a colheita e a criação de animais, a cura de enfermidades, enfrentamento de animais que atrapalhavam atividades diárias, trabalhando de maneira a atender as necessidades da população de sua comunidade. Exemplificaremos essa interferência na última seção do capítulo.

Em adição à comunicação com os seres celestiais, Columba é retratado operando milagres de poder (*virtutum miraculum*) a que nos referimos acima e como portador de uma poderosa e útil clarividência. No presente capítulo, argumentamos que essa clarividência, ou dom de previsão, é um ponto central para entender a relação do homem com a maneira com que se organiza o espaço, pois distâncias físicas ficam em segundo plano na narrativa. Ou seja, era uma ferramenta necessária para transpor com rapidez e eficiência o difícil relevo que nosso *miles insulanus* enfrentava.

Os dois pontos apresentados acima, como demonstramos, têm algo em comum: ambos envolvem o espaço como vetor de relações sociais, acontecimentos com desdobramentos políticos e uma tentativa de relacionar alguns lugares com esses acontecimentos, afinal, a narrativa aponta o monastério de Iona como o lugar onde ocorre a *ordinatio*. Poderia se argumentar que qualquer tipo de atividade humana envolve o espaço, em alguma medida, se generalizarmos o termo – no entanto, há diferentes níveis de espaço que podem ser organizados,

hierarquicamente, de acordo com visões de mundo particulares, além de que espaço e lugar, ainda que sinônimos, são coisas diferentes, ao menos da perspectiva da experiência humana²¹.

Para completar o raciocínio que estamos construindo: ainda que seja possível rejeitar a ordenação de Áedan enquanto evidência histórica para o episódio, argumentamos que é mais produtivo entender que o autor não estava preocupado com uma cronologia precisa dos fatos contados nem estava preocupado com a correspondência histórica do que narrava, pois projetava sobre o acontecimento narrado as preocupações de sua realidade. No entanto, é interessante notar que a imprecisão de Adomnán nesta obra, ao descrever o tempo, é inversamente proporcional quando se trata dos lugares narrados: a exatidão da demarcação de lugares, juntamente da riqueza de detalhes que os acompanham é outra característica central e particular na *Vita*. Temos um claro exemplo disso na seguinte passagem:

Nas seções seguintes, nos ocuparemos em elencar algumas chaves de leitura e ferramentas de análise que nos permitam explorar a esfera da representação espacial de Adomnán.

1.2. Adomnán, o *desertus* e o *miles insulanus*.

Esta seção ocupa-se com três pontos que consideramos centrais para o entendimento da obra. Delimitaremos nosso entendimento de espaço e lugar, e discutiremos dois termos comuns da literatura alto-medieval e presentes na *Vita*. O ideal do *desertus* como local de isolamento e provação voluntária, e a ideia do *miles insulanus*, uma variação do *miles christi*, que se projeta nesses espaços.

Antes de nos debruçarmos sobre a questão do espaço, é preciso oferecer algumas observações quanto à natureza da fonte e seu autor. Utilizamos uma versão da hagiografia editada por William Reeves²² que, no âmbito de construção e reafirmação de identidades nacionais do século XIX, o que envolvia a recuperação de memórias e identidades locais, agrupou os fragmentos de manuscritos que compreendem a versão mais conhecida e completa

²¹ Essa ideia não é, necessariamente, própria da disciplina da História. Uma vez que o foco deste trabalho é o espaço, buscamos a sua definição também em outras disciplinas dada a natureza deste objeto. Utilizamos, principalmente, as ideias do geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan a respeito de espaço e sua representação, em que espaço e lugar são construções ideológicas baseadas na experiência humana. Cf. TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. 7. print. Minneapolis, Minn.: Univ. of Minnesota Press, 2011.

²² ADOMNÁN OF IONA. **Vita sancti Columbae**. In: REEVES, William (ed.). **Life of Saint Columba, founder of Hy, ninth abbot of that monastery**. Dublin: The University Press for Irish Archaeological and Celtic Society, 1857.

do documento em uma edição comentada. Portanto, o primeiro ponto a se considerar na análise desta *Vita*, independentemente da questão que se busca responder, é o da compreensão de que se trata de uma fonte fragmentada, separada e organizada de acordo um objetivo e método investigativo. No entanto, antes de se configurar como um obstáculo à presente investigação, devemos igualmente considerar que esta edição compreende todas as nuances e diferenças em estilo e escrita encontradas por Reeves ao longo de sua pesquisa²³. Dessa maneira, temos diante de nós a versão mais completa de uma fonte que há muito se perdeu em sua totalidade, possibilitando-nos uma investigação mais profunda e coesa dos escritos de Adomnán de Iona.

Esse é o caso para inúmeros pesquisadores que trabalharam com a história irlandesa e escocesa para o período medieval. Diversos trabalhos sobre a região encontram na investigação de Reeves um ponto de partida seguro, justamente porque ele aborda uma gama de frentes de pesquisa considerável – desde um estudo da estilística literária, influências bíblicas, transmissão, circulação, até o estudo do espaço, mas que aparece quase sempre em segundo plano, geralmente para ressaltar algum argumento. O espaço enquanto objeto de pesquisa, inclusive, não é uma novidade na área. Encontramos um exemplo no monumental trabalho de William J. Watson²⁴, publicado em 1926. Nele, Watson desconstrói os nomes das localizações de toda a Escócia, utilizando o campo da filologia para tal. O autor descobre e demonstra a grande influência irlandesa na costa Oeste do país, ao indicar que o nome de muitas localidades, ainda que tenham mudado ao longo do tempo, remontam ao *Old Irish*, indicando o grande fluxo migratório irlandês ocorrido no período da Dalriada.

A investigação da origem dos nomes abre caminho para o entendimento das *gentes* que ocuparam cada lugar em determinado momento da história das ilhas. Trabalhos recentes retomam o tema e adicionam novos dados advindos de outros campos do saber, principalmente da arqueologia, para fomentar a discussão dos *place-names* irlandeses, ingleses e escoceses que perdura até hoje. Encontramos um exemplo em Jeán-Michel Picard, que estuda a formação dos mosteiros irlandeses alto-medievais. O autor nota, através de dados arqueológicos, que a disposição das fundações monásticas muitas vezes se aproveita das construções celtas que já

²³ Reeves se utiliza primariamente de dois manuscritos (A e B) ao editar a fonte e, como prática comum em sua época, avisa o leitor quando uma palavra ou frase estão escritas de maneira diferente entre os fragmentos de texto. Isso nos permite maior segurança ao interpretar o texto, dada a possibilidade de cotejar as diferenças que o autor encontrou.

²⁴ Há uma versão republicada de seu trabalho. Cf. WATSON, William J. **The Celtic place names of Scotland**. Edinburgh: Birlinn Limited, 2004.

existiam na ilha. Essas fundações monásticas seguem o ideal do isolamento e provação do *desertus*, um termo indispensável para a nossa pesquisa²⁵. Picard aponta a presença de inúmeras construções cristãs em ilhas muito isoladas, de difícil acesso, da costa irlandesa. Além disso, a maior parte se encontra em direção ao mar aberto, ou seja, na costa oeste irlandesa. Esse é um dado interessante para pensar sobre a organização espacial monástica irlandesa, uma vez que Adomnán remete inúmeras vezes ao termo *desertus* e alguns derivados como o *saltus*²⁶.

É a partir dessa imagem que podemos delinear o retrato que Adomnán confere a Columba: um missionário evangelizador, mediador, um *miles christi* ou, considerando o território que estamos tratando, a imagem de um *miles insulanus*. O fato de ter sido retratado pelo autor como um missionário significa que o santo atuou profundamente sobre o espaço que ocupava: seja através de milagres que de alguma maneira alteraram a sua qualidade, seja através de seu dom de clarividência que basicamente ignorava distâncias e barreiras físicas: Columba não precisava, necessariamente, estar presente em um lugar específico para operar um milagre, bastando estar presente *in spiritu*; de certa maneira, também não precisava sequer estar vivo, uma vez que operava milagres *post mortem*. Continuando, seja também através de previsões que poderiam alterar o curso de ação das personagens apresentadas em nossa *Vita*, ou através da fundação de mosteiros. Isso também significa que o santo atuou sobre os elementos componentes do espaço: a fauna e a flora (domésticas e selvagens), os elementos naturais, principalmente a água e corpos d'água, as ocupações humanas e as populações locais, bem como a população do domínio sobrenatural (monstros e bestas), descrita com um vocabulário especializado.

Adomnán retrata São Columba sob um ideal de santidade elaborado e específico, como um operador de milagres – há 119 capítulos ao todo no livro, cada um dedicado a um milagre, sendo que alguns deles relatam mais de um. Assim o faz, atendendo a necessidades do momento político pelo qual Iona e sua rede de mosteiros passava: o monacato de Iona, no início do século VII, já pressionado por inúmeros outros mosteiros, se recusava em reconhecer a observância da data da páscoa de acordo com a tradição romana, preferindo o método de

²⁵ PICARD, J.-M. *Miles Insulanus. Les Îles Monastiques Irlandaises et L'Idéal du Désert Marin*. In: **Lérins, une île sainte de l'Antiquité au Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2010. p. 301–317.

²⁶ François Guizard-Duchamp dedica um livro à exploração desses termos. Dentre eles, destaca o uso do *saltus* na literatura alto-medieval para indicar um espaço desabitado, do ponto de vista cristão (e não necessariamente desocupado), geralmente uma vasta floresta ou algo similar. Cf. GUIZARD-DUCHAMP, F. **Les terres du sauvage dans le monde franc (IVe-IXe siècle)**. Rennes: Press universitaire de Rennes, 2009.

datação que se desenvolveu na igreja irlandesa. Tanto é que, em 664, o monastério de Lindisfarne quebra as suas relações com Iona²⁷ impulsionado por esse problema. O abade atuou nos dois lados da questão, mas, por último, muito provavelmente sob pressão de monastérios irlandeses, adota a páscoa romana. Isso leva Beda, em sua *Historia Ecclesiastica gentis anglorum*, a descrever Adomnán com certa parcialidade:

“Ele foi prontamente avisado por muitos, que eram mais instruídos que ele, a não ousar agir contrariamente à tradição universal da Igreja, tanto na observação da Páscoa como em qualquer outra desta matéria, dado que sua comunidade era pequena e estava situada em um canto remoto do mundo.”²⁸

O venerável Beda continua a descrição de seu encontro com Adomnán, em 688, em Jarrow, e elogia a sua erudição em assuntos teológicos, mas o descreve marcadamente com seu viés de promoção das tradições romanas da Igreja em favor das irlandesas. Richard Sharpe argumenta que Beda vai além, dedicando toda a sua descrição da jornada de Adomnán em território inglês para dizer que o abade retornou à Irlanda assegurado de que a prática de datação católica para a Páscoa era, de fato, a correta. Com isso, ele teria começado o processo de convencimento das comunidades monásticas irlandesas, que estavam divididas, mas em última instância, não obteve sucesso em convencer a sua própria comunidade²⁹.

1.3. Ferramentas de pesquisa

O espaço e lugar, enquanto conceitos e objetos de pesquisa, bem como a sua representação, têm apresentado ultimamente uma novidade de caminhos e possibilidades na pesquisa acadêmica, principalmente após a *spatial turn*³⁰ do fim do século XX e início do séc. XXI que reformula muitas proposições para este tema. Sua natureza interdisciplinar constitui um inestimável apoio ao historiador, uma vez que é um campo largamente debatido na Antropologia, Geografia, Sociologia, na Ciência Estatística e Matemática. Isso também significa que uma pesquisa histórica sobre este tema, invariavelmente, deve trazer para si o

²⁷ SHARPE, Richard. *Op.Cit.*, 1995, p.81-84.

²⁸ “*sed et a pluribus, qui erant eruditiores, esset solerter admonitus, ne contra uniuersalem ecclesiae morem uel in obseruantia paschali, uel in aliis quibusque decretis cum suis paucissimis et in extremo mundi angulo positus uiuere praesumeret*” BEDA, *Historia Ecclesiastica gentis anglorum*, V, 15.

²⁹ SHARPE, R. *Op.Cit.*, 1995, p.84-86.

³⁰ Dois expoentes desta virada se encontram em Yuan e Doreen Massey. Para a História, temos Nicolas Schroeder e Florian Mazel, que trabalham largamente o tema para a Idade Média, principalmente no que diz respeito à atividade de bispos e formação de monastérios.

elemento da interdisciplinaridade. Isso se deve ao fato, principalmente, de que os teóricos dessa *spatial turn* trabalham especialmente com estudos quantitativos, advindos da grande massa de informação cada vez mais disponível por meio da informatização da sociedade. Argumentamos que a disciplina da História pode se beneficiar de diferentes ferramentas nas investigações sobre o espaço, por exemplo o *Geographic Information System* (GIS), um campo de estudo desenvolvido para a representação geográfica de dados que podem ser retirados das mais variadas fontes. Buscaremos apresentar, nas linhas a seguir, essa ferramenta que será utilizada ao longo da dissertação, argumentando que o seu uso permite ao historiador fazer perguntas pertinentes sobre a questão da organização espacial através de dados estatísticos obtidos em documentos textuais.

O GIS se desenvolve com base nos problemas enfrentados a partir do século XIX, principalmente nos que se referem à explosão demográfica mundial que caracterizou boa parte deste século e do seguinte. Os censos populacionais se fizeram cada vez mais necessários para se ter o mínimo de informações de um contingente de proporção inédita. Com isso, o princípio do cruzamento de dados demográficos com dados geográficos se desenvolve com rapidez.

Podemos nos remeter a Roger Tomlinson, na ocasião de escrita de seu artigo “fundador” da GIS em 1968³¹. Nele, Tomlinson sistematiza diversos princípios adotados no GIS:

“The basic capability of the geographic information system is that it accepts and stores all types of location-specific information, that is, any information which can be related to an area, line, or point in a map [...] For example, census data (perhaps not usually thought of as a location-specific) are collected from specific areas of land called enumeration areas, which are recorded on maps; a highway is a location-specific line; a campsite can be thought of as location-specific point on a map.”³²

Tomlinson escreve esses princípios tendo em mente um problema cada vez mais complexo em sua época, a que nos referimos: os censos populacionais apresentavam um desafio cada vez maior aos pesquisadores dedicados ao seu estudo. O GIS surge, em grande medida, como uma ferramenta que pudesse dar conta da crescente complexidade dos dados populacionais do século XX. Com a crescente informatização da sociedade, a possibilidade de

³¹ TOMLINSON, Roger F. **A Geographic Information System for Regional Planning**. Department of Forestry and Rural Development, Government of Canada, 1968.

³² *Ibidem*, p.201.

obtenção de grande quantidade de dados aumentou exponencialmente. O GIS permite que qualquer pessoa com acesso a informação possa representá-las de modo espacial, através de um mapa. As iniciativas que desenvolveram este campo são inúmeras, e utilizadas tanto por pesquisadores, como empresas e governos preocupados em obter dados precisos sobre questões que envolvem, em primeiro lugar, o espaço. É a partir dessas questões que grandes pesquisas nacionais são desenvolvidas, como os censos populacionais que Tomlinson menciona.

O GIS, portanto, funciona através de alguns passos, que reproduziremos em nossa pesquisa. Em primeiro lugar, devemos ter em mente que o mapa criado visa responder alguma pergunta – o que diferencia esta ferramenta da cartografia clássica. Para o nosso caso, nos perguntamos de que maneira é possível apreender a representação espacial de um autor alto-medieval como Adomnán. O segundo passo é o da definição/criação dos dados a serem utilizados. Partiremos de uma exploração do campo semântico do texto hagiográfico, criando dados estatísticos das menções únicas a lugares na organização do texto. Após a criação e verificação destes dados, podemos analisá-los e transportá-los para um mapa, e formular conclusões a partir disso. Trataremos todos esses passos na última seção deste capítulo pois, antes de viabilizarmos a análise quantitativa de nossa fonte, devemos delimitar o que compreendemos por espaço, lugar e sua representação para que possamos criar dados a partir disso. Por último, é necessário ressaltar que, por se tratar de um trabalho da disciplina da História, devemos nos ocupar igualmente com as ferramentas e ideias desenvolvidas nesse campo ao tratarmos o tema da representação espacial.

A questão da representação do espaço para a Europa medieval constitui um tema de crescente relevância na historiografia, compreendendo uma novidade de esforços e abordagens que buscam situar a questão da lógica da percepção sobre o mesmo e as suas funções nas fontes em que são estudados. O seu estudo aborda um complexo sistema de transmissão de valores e de interesses baseados, para o caso das hagiografias, em uma *traditio* literária³³. Tradição esta que advém como uma herança da Antiguidade que o Cristianismo adota através da palavra escrita, um sinônimo e precondição da autoridade e poder³⁴. Nesse círculo literário, conforme apresentamos, se encontram as hagiografias que, muito além de descrever a bem-aventurança de santos e santas, estão interessadas na situação política do momento, e podem servir como

³³ SMITH, Julia M. H. **Europe after Rome: a new cultural history, 500-1000**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p.46.

³⁴ *Idem*

mecanismos de transmissão, memória e reivindicação de certo status para uma família ou grupo. De acordo com o que demonstramos de antemão no início deste capítulo, há elementos na *Vita Columbae* que corroboram esta afirmação, uma vez que entendemos Adomnán se posicionando politicamente em um texto com um esperado fim litúrgico ou de doutrinação de sua comunidade.

O espaço é, dessa maneira, uma via privilegiada das relações sociais, bem como as do homem com a natureza. O uso que o ser humano faz do mesmo é variado, correspondendo a diferentes necessidades que podem ser econômicas, sociais, e que nem sempre são de fácil apreensão para um observador externo³⁵. O espaço pode operar em camadas, sobrepondo-se um ao outro, pode ser alienado de diversas maneiras por uma população ou grupo e pode até mesmo ter usos diretamente opostos dentro de uma mesma região. O conceito abrange logicamente a noção de fronteiras, que não se constituem apenas fisicamente, como observou-se por muito tempo em trabalhos históricos – elas são opacas e maleáveis³⁶, pontos de intercessão de diferenças na experiência humana sobre o espaço.

Argumentamos, para além disso, que em grande medida o espaço também era apenas coadjuvante nas pesquisas históricas, ainda que largamente debatido. É o caso da obra citada anteriormente de Dr. Watson, que apesar de trabalhar incansavelmente com lugar e espaço, ainda não o coloca como um vetor de relações sociais – no âmbito investigativo, ele é colocado de maneira “passiva”, apenas como um *background* para a sua análise filológica. Este é o tipo de problema que as pesquisas recentes, tanto na História, como na Antropologia ou Geografia buscam enfrentar. É a partir disso que surgem importantes expoentes como Fabrice Guizard-Duchamp, Nicolas Schroeder e Florian Mazel³⁷ para a História, e Roger Brunet³⁸, para a Geografia, por exemplo, e mais tarde os teóricos da *spatial turn* como Yi-Fu Tuan³⁹ e Doreen

³⁵ O uso do espaço é muito variado e nem sempre óbvio. Maurice Godelier leva o conceito aos seus extremos para demonstrar esse ponto. Cf.: GODELIER, Maurice. **The mental and the material: thought, economy and society**. London: Verso, 1986.

³⁶ Cf. WOOD, Ian. **Missionaries and the Christian Frontier**. In: POHL, Walter; REIMITZ, Helmut; WOOD, Ian. (eds.). *The Transformation of Frontiers: From Late Antiquity to the Carolingians*. Leiden, Boston, Koln: Brill, 2000.

³⁷ GUIZARD-DUCHAMP, Fabrice. **Les terres du sauvage dans le mond franc (IVe-IXe siècle)**. Rennes: Press universitaire de Rennes, 2009; SCHROEDER, Nicolas. **Sylves et monasteries en Lotharingie: imaginaire et matérialité des paysages**. In: PAULY, Michel; PETTIAU, Hérold (orgs.). *La forêt en Lotharingie médiévale*. Actes des 18es Journées Lotharingiennes: Publications de la Section Historique de l’Institut Grand-Ducal CXXVII; MAZEL, Florian. **L’Evêque et le Territoire: L’invention médiévale de l’espace (Ve-XIIIe siècle)**. Seuil, 2016.

³⁸ BRUNET, Roger. **Sustainable Geography**. London: ISTE Ltd., 2011.

³⁹ TUAN, Yi-Fu. **Space and Place. The Perspective of Experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

Marseen⁴⁰. Reservamos, agora, alguns parágrafos para tratar destes autores, pois é de onde retiramos nossa definição interdisciplinar de lugar e espaço.

Segundo o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, podemos entender o espaço através da experiência humana:

“The relations of space and place. In experience, the meaning of space often merges with that of place. ‘Space’ is more abstract than ‘place’. What begins as undifferentiated space becomes a place as we get to know it better and endow it with value. Architects talk about the spatial qualities of place; they can equally well speak of the locational (place) qualities of space. The ideas ‘space’ and ‘place’ require each other for definition. From the security and stability of place we are aware of the openness, freedom, and threat of space, and vice versa. Furthermore, if we think of space as that which allows movement, then place is pause; each pause in movement makes it possible for location to be transformed into place.”⁴¹

As ideias de Tuan têm muitas implicações. O autor entende que espaço e lugar não são somente correspondências físicas de determinado atributo geográfico. A experiência humana molda a maneira com que espaço e lugar são representados, implicando que uma mesma localização pode ter significados muito diferentes, ou até opostos, de acordo com quem o descreve/representa. Isso também significa que, assim como a experiência humana é variada, a experiência do espaço está atrelada a modos de ver o mundo ou, em outros termos, a ideologias e cosmogonias.

Nessa perspectiva, Tuan identifica duas maneiras principais de se perceber, organizar e representar o espaço: há o meio científico, que está preocupado com uma orientação exata do espaço, utilizando-se de ferramentas de alta precisão para tal, obedecendo a princípios e leis bem definidas. Este é o meio contemporâneo mais imediato de nossa percepção sobre o espaço, em que sabemos claramente como ele é dividido. O Norte, para a sociedade moderna, é um ponto cardinal, um direcionamento mensurável e pragmático. Há apenas um Norte, um Sul, um centro, são direções que não possuem um valor qualitativo, apenas quantitativo. No entanto, na outra

⁴⁰ MASSEY, Doreen. **For Space**. London: SAGE Publications, 2005.

⁴¹ TUAN, Yi-Fu. **Space and Place. The Perspective of Experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p.6.

perspectiva que Tuan identifica, há o espaço místico, cuja orientação segue princípios diferentes. Exemplificamos:

“Mythical space is an intellectual construct. It can be very elaborate. Mythical space is also a response of feeling and imagination to fundamental human needs. It differs from pragmatic and scientifically conceived spaces in that it ignores the logic of exclusion and contradiction. Logically a cosmos can have only one center; in mythical thought it can have many centers, although one center may dominate all the others.”⁴²

A ideia de um centro ou ponto central, na perspectiva mística do espaço, é fundamental para entender como as sociedades pré-capitalistas (que é o que Tuan entende por “sociedades tradicionais”) organizavam e representavam seus espaços. Tamanha é a importância desta afirmação que o autor se utiliza do termo *homo microcosmos* ao se referir ao homem destas sociedades. Isso significa que, nesta perspectiva, o homem busca replicar o que observa na esfera da natureza para a sua esfera mais imediata. Ou seja, uma replicação do *macro* para o *microcosmos* e vice-versa, em que se busca a simetria.

Dessa maneira, Tuan prossegue, era comum associar o corpo humano às características espaciais: é por isso que muitos nomes antigos de lugares fazem alusão a partes do corpo. Para a *Vita Columbae*, identificamos alguns exemplos dessa experiência humana. A cadeia de montanhas que corta o território escocês de Norte a Sul recebe o nome, em latim, de *Dorso Britannia*⁴³. Entendemos que há, para o homem na Alta Idade Média, uma necessidade de conferir sentido aos espaços em que atua. Para o nosso caso, o avanço constante do cristianismo nas ilhas britânicas é fundamental para entendermos isso, pois o espaço é organizado principalmente através deste viés religioso. A ideia de *desertus*, por exemplo, está intimamente atrelada a essa concepção.

Uma grande crítica que se desenvolve na História, no séc. XX, diz respeito à natureza da relação do homem com o espaço. A principal leitura que se fez, para os autores do séc. XIX, sobre o espaço, era do entendimento que havia um binômio claramente definido. O espaço

⁴² *Ibid.*, p.99.

⁴³ ADOMNÁN OF IONA. *Vita sancti Columbae*. In: REEVES, William (ed.). *Life of Saint Columba, founder of Hy, ninth abbot of that monastery*. Dublin: The University Press for Irish Archaeological and Celtic Society, 1857, II, 46.

civilizado e o espaço selvagem⁴⁴. O *desertus* seria parte da segunda categoria, um local hostil e desconcertante, em que o homem estaria em constante perigo das mais variadas fontes.

Na prática, os binômios explicativos que surgem nas pesquisas do século XIX e XX são percebidos com cada vez menos rigidez, pois, com o avanço das pesquisas e definições sobre o espaço, vemos que não se excluem mutuamente. No entanto, apesar de importantes trabalhos que se preocupavam com o uso dos espaços, a esfera de sua representação foi pouco explorada pelo menos até a metade do século XX, levando Alain Guerreau a nos advertir que “o sistema medieval de representação espacial nos escapa inteiramente e é algo que apresenta pouca pesquisa”⁴⁵.

Os espaços que antes eram tidos como intransponíveis, ou ainda apenas de maneira passiva, são problematizados na segunda metade do século passado, em que observamos a inauguração de uma série de investigações que têm como premissa a questão da representação espacial em seu centro. É importante ressaltar, no entanto, que uma pesquisa dessa natureza não pode se manter apenas na esfera das mentalidades, um conceito que, usado hoje até a exaustão, tem pouca aplicabilidade prática. É preciso interrogar o meio real tanto quanto mental⁴⁶.

O que buscamos dizer, com isso, é que a aplicabilidade do conceito de espaço se expande, mostrando-se como uma importante ferramenta de pesquisa para as ciências humanas de modo geral. A novidade do tema, para a História, se encontra no interesse da percepção espacial: como era apreendido, modificado, e fabricado para provar algum ponto, seja ele de ordem política, religiosa, e assim por diante. Se retornarmos ao exemplo da *Vita* que oferecemos no início do capítulo, mais uma vez, passamos a melhor compreender as motivações de Adomnán ao relacionar o lugar de Iona com um episódio de tamanha importância como o da *ordinatio*. A situação é, em última instância, fabricada, e o espaço faz parte desse processo. Levamos em conta que, no século VI, apesar de fazer parte do circuito de mosteiros irlandeses, Iona não era dos mais importantes, politicamente, sendo este papel relegado muito provavelmente a Durrow e Lindisfarne.

⁴⁴ SCHROEDER, Nicolas. *Op.Cit.*, p.20-22.

⁴⁵ GUERREAU, Alain. **Le sens des lieux dans l'Occident medieval: structure et dynamique 'un espace spécifique**. *Apud* GUIZARD-DUCHAMP, Fabrice. **Les terres du sauvage dans le monde franc (Ive-IXe siècle)**. Rennes: Press universitaire de Rennes, 2009, p.15.

⁴⁶ Neste sentido, fazemos alusão a obra de Maurice Godelier, que trabalha o espaço a partir dessas duas esferas: o mental e o material. Cf. GODELIER, Maurice. *Op.Cit.*

Uma vez que a fonte utilizada nesta investigação é de natureza literária, é necessário analisar como a historiografia e as disciplinas humanas vêm trabalhando com o tema da organização espacial. Um caminho bastante utilizado se dá através da pesquisa lexical. Adjetivações e descrições são preciosas nesse sentido, pois atestam a percepção neutra, negativa ou positiva de um determinado lugar⁴⁷, aplicadas também aos seus elementos componentes (atributos físicos e geográficos, fauna, flora, populações residentes). Além disso, para o nosso caso, os indivíduos descritos nas hagiografias modificavam intensamente o espaço ao seu redor. Desde a destruição de ídolos pagãos em territórios fronteiriços da Cristandade, até a fundação de mosteiros em locais dessa mesma natureza⁴⁸.

Historiadores como Fabrice Guizard-Duchamp, Claude Lecouteux e Jacques Voisenet possuem extensas pesquisas apoiadas sobretudo na documentação literária alto-medieval⁴⁹. Partem igualmente da identificação lexical que remete a visões específicas sobre o espaço. Segundo Guizard-Duchamp, o homem realiza um julgamento moral dos espaços pautado sobretudo em preceitos da doutrina cristã, em que uma distinção principal seria aparente: havia o território do paganismo (o domínio do diabo, desabitado, inquietante e selvagem) e o território consagrado do Cristianismo, ordenado, habitado e doméstico⁵⁰.

Os trabalhos de evangelização dos missionários, narrados em hagiografias, se travavam nas fronteiras estabelecidas por essa dinâmica de julgamentos. Esses espaços limiáres, adverte o autor, são menos claros do que se supõe: a oposição entre ambos é antes uma escolha ideológica do que real⁵¹. Esse é o entendimento de que, apesar de binômios, não se excluem mutuamente. A oposição entre os espaços habitados e “inabitados” é um traço comum destas sociedades desde a Antiguidade, argumenta o historiador Mircea Eliade⁵². Dessa maneira, não havia um limite fixo entre espaços: o que existiam eram diferentes relações sociais/experiências coletivas travadas nestes lugares⁵³. Começamos a desenhar, dessa maneira, o quadro teórico da

⁴⁷ Um ponto interessante que adiantamos neste momento: o que pode conferir o “estatuto” de lugar para um determinado espaço é justamente a maneira com que é percebido (positiva, negativa ou neutra).

⁴⁸ É o caso de inúmeras fundações de Columba na Irlanda e Escócia.

⁴⁹ GUIZARD-DUCHAMP, Fabrice. **Les terres du sauvage dans le mond franc (IVe-IXe siècle)**. Rennes: Press universitaire de Rennes, 2009; LECOUTEUX, Claude. **Les monstres dans la pensée médiévale européenne**. Paris: Press de l'Université de Paris-Sorbonne, 1993; VOISENET, Jacques. **Bestiáres Chrétiens: L'imagerie animale des autours du haut Moyen Âge**. Toulouse, 1994.

⁵⁰ GUIZARD-DUCHAMP, Fabrice. **Les terres du sauvage dans le mond franc (IVe-IXe siècle)**. Rennes: Press universitaire de Rennes, p.15.

⁵¹ *Ibid.*, p.16-17

⁵² ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p.32.

⁵³ GUIZARD-DUCHAMP, Fabrice. **Les terres du sauvage dans le mond franc (IVe-IXe siècle)**. Rennes: Press universitaire de Rennes, p.14.

representação espacial. Longe de serem objetos passivos na pesquisa, espaço e lugar devem ser entendidos desta maneira, como experiências das sociedades que conferiam a eles diferentes ordens de importância de acordo como uma visão de mundo.

A preocupação de Guizard-Duchamp está em identificar um complexo sistema de pensamentos que poderia se revelar na escrita e, mais precisamente, na percepção espacial que podemos apreender a partir de fontes literárias. Para o caso específico das hagiografias, a identificação dessa posição ideológica é um ponto de partida para o entendimento das relações sociais que se desenvolviam nos espaços de fronteira e além. Havia um certo consenso entre os missionários de que eles atuavam “à beira do mundo” (*usque ad ultimum terrae*)⁵⁴.

Esta noção, certamente, diz respeito a uma visão de mundo particular do cristianismo, e devemos ter em mente que a ideia de “beira do mundo” aqui significa o espaço ainda não – ou pouco penetrado pela doutrina cristã. Ainda que fosse habitado, era um espaço que, por não ter um ponto de referência ao cristão, significava perigo, pois era desconhecido e inquietante. Ou seja, a representação do espaço traz, invariavelmente, um julgamento de valor atrelado a ela. O antropólogo Maurice Godelier é enfático ao tratar desse ponto:

“[...]la perception sociale d’un environnement n’est pas faite seulement de représentations plus ou moins exactes des contraentes de fonctionnement des systèmes technoéconomiques, mais également de jugements de valeur (positifs, négatifs ou neutres) et de croyances fantasmatiques.”⁵⁵

Esse modo de ver o mundo, por sua vez, traduz-se em formas específicas de interpretação, que podem variar de acordo com a experiência social de grupos e de indivíduos. Há, portanto, um julgamento moral dos espaços⁵⁶, uma apropriação tanto material como ideal do espaço que atende a determinados interesses. O exemplo oferecido no início do capítulo, dessa maneira, foi escolhido justamente por oferecer uma síntese de todos os temas que estamos tratando até aqui. Podemos entender a apropriação que Adomnán fez de Iona ao conferir o monastério como um lugar de tamanha importância política regional que foi o local escolhido (por Deus) para a celebração da *ordinatio* de Áedan. Ao mesmo tempo, temos em mente que

⁵⁴ WOOD, Ian. **Missionaries and the Christian Frontier**. In: POHL, Walter; REIMITZ, Helmut; WOOD, Ian. (eds.). *The Transformation of Frontiers: From Late Antiquity to the Carolingians*. Leiden, Boston, Koln: Brill, 2000, p.209.

⁵⁵ GODELIER, M. **L’idéal et le matériel. Pensées, économies et sociétés**. Paris: Fayard, 1984, p.53-54, *Apud* SCHROEDER, Nicolas. *Op.Cit.*, p.22.

⁵⁶ GUIZARD-DUCHAMP, F. *Op.cit.*, p.15.

essa apropriação beira o anacronismo, pois concordamos com as pesquisas de Enright, por exemplo, no que diz respeito à veracidade dos acontecimentos narrados na hagiografia⁵⁷.

1.4 A organização do espaço – uma abordagem através do GIS

Uma vez abordadas as questões tangentes ao espaço enquanto experiência, as suas ferramentas de análise, bem como um panorama dos temas e ferramentas que são utilizados na pesquisa sobre representação espacial, passemos a uma análise mais detalhada da fonte. Um caminho interessante para tal se faz através da quantificação de alguns dados do texto, uma abordagem que toma para si os princípios do GIS. Explicamos: a possibilidade de numerar os espaços e os lugares mencionados pode nos fornecer informações valiosas quanto à organização empreendida por Adomnán. Desde a quantidade de vezes que Iona é mencionada, por exemplo, até o número de menções a outros (e quais) monastérios que compreendiam a rede monástica de nosso autor, além das menções a lugares mais longínquos como a província dos Pictos, as ilhas próximas e distantes. A possibilidade de cruzar esses dados com a informação que o texto nos fornece sobre o que ocorreu em tais espaços (o tipo de situação narrada por Adomnán) nos permite formar um quadro panorâmico e geográfico do mundo em que o autor vivia e atuava, uma vez que podemos perceber lugares favorecidos em detrimento de outros, as redes de comunicação e contato entre eles, sempre tendo em mente que estamos analisando um universo projetado na realidade, ou seja, uma visão de mundo particular do autor. Todas essas ressalvas foram tratadas na seção anterior.

Antes de iniciar essa quantificação, no entanto, devemos explicar os critérios e métodos utilizados para criar os dados que serão expostos a seguir. Ao todo, quatro proposições foram levadas em consideração enquanto critérios de análise, baseadas na discussão que apresentamos até aqui. A primeira delas foi explicada na segunda e terceira seções do capítulo, mas que retomamos a fim de adicionar alguns pontos: para que possamos quantificar os lugares e espaços mencionados no texto, devemos ter uma definição clara de seus limites e diferenças. Isso garante maior segurança e credibilidade às informações criadas. Uma vez que o lugar é englobado pelo espaço, no entendimento de que “lugar é um espaço com personalidade”, nossa contagem diz respeito a lugares, em primeiro lugar. A partir disso, podemos entender igualmente a quantidade de vezes que um espaço é mencionado, pois os dois termos sempre

⁵⁷ Ver notas 4 e 5.

estão correlacionados, já que necessitam um do outro para funcionar⁵⁸. Caso optássemos por uma contagem dos espaços em primeiro lugar, produziríamos uma quantidade considerável de “barulho” estatístico, que explicaremos nos parágrafos a seguir.

Dessa maneira, o primeiro critério de seleção é este: o lugar deve possuir uma correspondência física, ainda que não localizada em nosso tempo (e isso ocorre com frequência, bastando consultar a já mencionada obra de Dr. Watson, ou os comentários de William Reeves e Richard Sharpe sobre a *Vita*, indicando a enorme dificuldade em traçar o ponto no espaço que corresponde a lugares mencionados em fontes irlandesas e escocesas⁵⁹). Com isso, excluímos menções que podem aparecer de forma acidental, como alguma interjeição, aforismo, eufemismo ou outras figuras de linguagem presentes no texto.

Por exemplo: um dos capítulos do terceiro livro possui o seguinte título: “Como anjos foram vistos carregando a alma de um bretão beato ao paraíso”⁶⁰. O paraíso não deixa de ser um lugar-comum definido no vocabulário de um autor como Adomnán – no entanto, ainda que como forma o termo poderia ser considerado um lugar, para o nosso caso, não o é em conteúdo, pois não há uma correspondência física mensurável que o contemple. Portanto, “paraíso” ou “inferno” não entram em nossa tabela e em nossa análise nesse momento por não possuírem uma definição geográfica precisa. No entanto, também há lugares mencionados que até hoje não foram identificados de maneira satisfatória. Talvez o caso mais indicativo deste problema seja o da ilha de Hinba, que tanto Reeves, como Watson e Sharpe discutem, mas sem um consenso. Hinba é geralmente associada às ilhas de Oronsay, Eileach an Noimh e Jura. Apesar de local incerto, podemos considerar, através de evidência documental, que Hinba possuía uma correspondência física⁶¹.

Com isso, eliminamos informações que não correspondem ao critério de correspondência física. Isso nos apresenta um outro desafio e nos demonstra que apenas o critério 1 é insuficiente. Isto é: há espaços indefinidos/genéricos que possuem correspondência física mensurável. É o caso do mar, de rios, lagos, *lochs*, florestas, bosques, montanhas que, em

⁵⁸ TUAN, Yi-Fu. **Space and Place. The Perspective of Experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p.6.

⁵⁹ WATSON, William J. **The Celtic place names of Scotland**. Edinburgh: Birlinn Limited, 2004.

⁶⁰ “*De angelorum apparition alicujus beati britonis animam ad coelum vehentium.*” ADOMNÁN OF IONA. **Vita sancti Columbae**. In: REEVES, William (ed.). **Life of Saint Columba, founder of Hy, ninth abbot of that monastery**. Dublin: The University Press for Irish Archaeological and Celtic Society, 1857, p.202. Richard Sharpe traduz *coelum* como paraíso.

⁶¹ Cf. notas 4 e 52 em que Hinba é mencionada no texto.

larga escala de menções, acabam por produzir mais barulho estatístico do que informações de qualidade e úteis para os nossos objetivos. Ora, estando Iona situada em uma ilha (pois foi o local de escrita da obra, de maneira geral – e afinal é de onde Adomnán encontrou testemunhos escritos de outros abades sobre Columba), é de se esperar que um espaço como o mar seja mencionado em inúmeras ocasiões, assim como os *lochs* e os outros elementos mencionados acima. Não é nosso objetivo, no entanto, retirar a importância destes espaços no conjunto da obra, uma vez que muitos deles estão no centro de nosso argumento, mas, por apontarem o óbvio neste momento, se inclusos sem um critério de seleção mais específico (ou seja, o lugar em vez do espaço), apenas dificultariam a seleção de informações.

Assim, começamos a construir o critério de seleção para os lugares: devem ter correspondência física e definição geográfica – ou seja, estamos procurando as “pausas” no movimento do espaço mencionadas por Yi-Fu Tuan. A terceira proposição surge para complementar a anterior. Ainda que as menções genéricas aos espaços como o mar e florestas sejam excluídas do critério de seleção, quando estes termos aparecem qualificados, isto é, acompanhados de alguma outra palavra que os localizem, eles entram para a análise. Portanto, uma referência genérica a um rio seria de pouca utilidade para nós, mas se é citado o rio Moy, ou o *loch* Ness, por exemplo, os critérios são atendidos e os termos entram desta maneira para a lista de lugares citados ao longo da obra.

Dando continuidade aos critérios de seleção, devemos nos assegurar de outras situações que observamos no texto: alguns lugares podem ser adicionados à lista através de dedução. Há situações em que Iona, por exemplo, não é mencionada explicitamente, mas podemos deduzir que é o local em que a situação narrada está ocorrendo:

“Da mesma maneira, uma vez, o reverendo homem enviou Érnán, seu tio mais velho e um padre, para ser prior do monastério que ele fundara anos antes na ilha de Hinba. Quando ele estava pronto para partir, São Columba o beijou e abençoou, ao falar essas palavras proféticas: ‘eu não espero ver novamente, em vida terrena, este meu amigo que agora parte para a sua jornada’”⁶²

⁶² “*Alio itidem in tempore, vir venerandus Ernanum presbyterum, senem, suum avunculum, ad praeposituram illius monasterii transmisit quod in Hinba insula ante plures fundaverat annos. Itaque eum ipsum Sanctus emigrantem exosculatus benediceret, hoc de eo intulit vaticinium, dicens, Hunc meum nunc egredientem amicum non me spero iterum in hoc seculo viventem visurum.*” ADOMNÁN OF IONA. **Vita sancti Columbae**. In: REEVES, William (ed.). **Life of Saint Columba, founder of Hy, ninth abbot of that monastery**. Dublin: The University Press for Irish Archaeological and Celtic Society, 1857, p.86-87.

O capítulo prossegue contando da jornada de Érnán e do cumprimento da profecia de Columba, sem mencionar Iona ou seu monastério. No entanto, o capítulo anterior narra uma situação mencionando a ilha e, Adomnán, para dar continuidade aos assuntos tratados neste lugar, apenas se utiliza de uma introdução genérica a este capítulo “da mesma maneira...”. Portanto, contextualmente, podemos contabilizar Iona/monastério nesta situação. O maior critério é o teor e conteúdo da história narrada, neste caso.

Assim, temos nas localizações o nosso maior foco. Cidades, portos, ilhas, lagos, rios⁶³, províncias e monastérios ficam em evidência. É a partir desses pontos no espaço que podemos começar a pensar nos caminhos que o autor faz seus leitores percorrerem, ainda que representem o itinerário de Columba ou de outras personagens de maneira pouco factível, conforme foi discutido nas seções anteriores.

A última proposição que devemos atender, e uma das que causam maior impacto na apresentação das informações estatísticas, diz respeito às repetições. Uma vez que nossa proposta não é a de uma análise estritamente lexical, ou seja, que exigiria uma contagem mais abrangente das menções a determinado termo no texto, nossa investigação não leva em conta as repetições. Isso significa que um mesmo lugar pode aparecer duas vezes no mesmo capítulo, mas será contabilizado apenas uma vez. Para isso, ao nos referirmos às menções, daqui em diante, temos em mente que estamos tratando de menções únicas em cada capítulo da fonte. Isto é, seguimos a divisão e o trajeto propostos por Adomnán a fim que possamos perceber se determinadas localizações, de determinada qualidade, estão mais ou menos ligadas a um determinado tipo de milagre ou acontecimento. Lembrando-se que os três principais tipos de milagres presentes na obra, em ordem crescente de poder, se referem à previsão/clarividência, milagres de poder e visões angelicais/celestiais.

O próprio autor nos oferece essas informações nos dois prefácios da obra. No segundo, ele descreve os principais assuntos tratados, sumariamente: Columba teria curado diversas doenças, enfrentado animais, por vezes os afastando, por vezes os matando, acalmou tempestades que castigavam a navegação na região de Iona, enfrentou os feiticeiros dos pictos, abençoou objetos ordinários de modo que servissem como um vetor de cura de enfermidades, ressuscitou o filho de um cristão, transformou a água em vinho, teve manifestações luminosas associadas a sua figura e se utilizou da revelação do Espírito Santo para tratar de profecias⁶⁴.

⁶³ Desde que qualificados.

⁶⁴ ADOMNÁN OF IONA. *Vita sancti Columbae*. In: REEVES, William (ed.). *Life of Saint Columba*,

Ou seja, trata de milagres de poder ao enfrentar animais e o clima; de profecias, através de revelações; e de manifestações luminosas/angelicais atribuídas a ele.

Com estas proposições em mente, temos, portanto, uma quantificação mais útil ao nosso propósito das menções a lugares ao longo da *Vita*. É uma quantificação especializada e particular, mas que argumentamos revelar informações valiosas ao historiador que investiga a representação espacial.

Em primeiro lugar, nos ocupamos com a contagem básica inicial dos lugares mencionados: de um total de 119 capítulos divididos em três livros mais dois prefácios, que contemplam a hagiografia, há a menção única de 86 lugares. Isso significa uma média de 0,7 novos lugares apresentados por capítulo. Apenas com esses dados podemos dizer com segurança que São Columba foi retratado como um missionário extremamente ativo, mesmo que, em muitas situações, o lugar mencionado não se refira à passagem do santo, mas apenas como o espaço de proveniência de alguma personagem citada, ou para dizer que certa população ali residia. Podemos igualmente entender que Adomnán era um profundo conhecedor da geografia da região a que Iona fazia parte.

O primeiro passo para visualizar as informações coletadas com base nos critérios apresentados anteriormente se traduz no uso de uma tabela. A primeira utilizada diz respeito, mais uma vez, à totalidade do texto. Corresponde ao número de ocorrência dos dez lugares mais citados em cada capítulo. A tabela completa se encontra em anexo, devido ao elevado número de entradas (86) que neste momento prejudicaria a nossa leitura e análise. Ao final do capítulo, será exposto um mapa criado a partir das informações que discutiremos a seguir, com base nos princípios do GIS.

Lugar	Capítulo 1	Capítulo 2	Capítulo 3	Total
Iona (ilha/monastério)	18	11	15	44
Pictos, província	4	7	0	11
Tiree (Mag- Luinge)	4	4	2	10
Sound (estreito)	7	0	0	7

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Durrow	3	2	1	6
Hinba, ilha	2	1	3	6
Druim Alban	1	3	1	5
Leinster	1	2	1	4
Druim Cett	3	1	0	4
Ness, rio	0	3	1	4

Devemos esclarecer alguns pontos sobre a tabela acima. Segundo os critérios apresentados, *Hibernia* e *Britannia* seriam duas entradas válidas, pois possuem correspondência física e são de fácil localização. No entanto, argumentamos que a inclusão dessas duas entradas em pouco contribuiria para a análise, pois correspondem a vastas extensões territoriais que englobam a maior parte dos lugares citados. Isso dificultaria que informações mais úteis se sobressaíssem com mais facilidade. Dito isto, os dois territórios estão contemplados na tabela completa em anexo à dissertação.

Poderíamos transportar esse raciocínio à Iona, igualmente, pois de início poderia parecer uma obviedade que o monastério em que Adomnán e Columba foram abades configure a entrada de maior número na tabela. Isso poderia ser verdade se considerássemos somente o número total de menções únicas (44). No entanto, ao contemplarmos a ocorrência do lugar nos três livros, logo percebemos que há uma variação considerável neste número. Enquanto no primeiro livro, composto de 50 capítulos, Iona (entendida como a ilha e o monastério) ocorre 18 vezes, ou em cerca de 36% dos capítulos, no segundo livro, composto de 46 capítulos, o número cai para 11 (23% de ocorrência). Para o terceiro e último livro da hagiografia, o número de ocorrências cresce novamente, e ainda mais ao considerarmos em termos de proporção: o terceiro livro contém menos capítulos, apenas 23. Se o número de ocorrência é 15, temos Iona aparecendo em 65% deste livro.

O argumento que estamos construindo é o seguinte: se considerarmos que cada livro da hagiografia corresponde a um grupo de milagres de determinada natureza e que eles crescem em poder a cada livro⁶⁵, temos um quadro muito claro da ligação de Iona com os mesmos. Há uma predileção de certos grupos de milagres para cada lugar citado na fonte. Conforme

⁶⁵ E assim o fazemos seguindo a própria divisão proposta por Adomnán, que apresenta os três grupos em seu prefácio e, continuamente ao longo da obra, descreve certos milagres como a soma de diferentes tipos.

apresentado nas seções anteriores, temos o quadro de que o primeiro livro narra o dom de clarividência e previsão de São Columba; o segundo narra os milagres de poder operados pelo santo; o terceiro narra diversos tipos de aparições celestiais ligadas à figura de Columba, direta ou indiretamente. O que poderia explicar, então, a queda no número de ocorrências de Iona do primeiro para o segundo livro e, em seguida, o crescimento vertiginoso no terceiro?

Para isso, precisamos analisar o restante da tabela. O segundo lugar de maior ocorrência na fonte é a província dos pictos (*pictorum provincia*). No primeiro livro temos apenas 4 ocorrências do termo. Já no segundo, o número sobe para 7 e por fim, não há menção ao mesmo no terceiro livro. No entanto, Adomnán nem sempre se utiliza apenas deste termo para se referir à província. Algumas entradas abaixo na tabela, encontra-se *Druim Alban*. O termo ocorre de duas maneiras no texto: ou como o supracitado, ou classificado como *Dorso Britannium*, que corresponde à cadeia de montanhas que corta a paisagem escocesa, dividindo a maior parte do seu território entre leste e oeste da cadeia. A província dos pictos ocupava o território à nordeste das montanhas, enquanto a maior parte da costa oeste, à época de Adomnán, fazia parte da Dalriada Escocesa.

Optamos por separar os dois termos que correspondem a basicamente o mesmo lugar pois entendemos que a maneira com que Adomnán cita o território dos pictos é indicativa de como o espaço foi organizado em seu texto. Vejamos um exemplo de como o território era tratado:

“Também em outra ocasião, tendo o Santo viajado para o outro lado de Druim Alban, um de seus companheiros foi subitamente tomado por uma doença e estava próximo da morte. Era um certo jovem chamado Fintan, e seus companheiros, soldados de Cristo, entristeceram-se e suplicaram a São Columba que ele orasse pelo jovem.”⁶⁶

Nesta passagem podemos perceber que um lugar culturalmente distante de Adomnán é descrito de maneira mais imprecisa (do outro lado de Druim Alban, citado aqui apenas como *Dorsum Britannicum*). O autor estabelece uma barreira física bem definida, a cadeia de

⁶⁶ *Alio quoque in tempore, Sanctus quum trans Britannicum iter ageret Dorsum, quidam juvenis, unus comitum, subita molestatus aegrimonia, ad extrema usque perductus est, nomine Fintenus, pro quo commilitones Sanctum maestis rogant ut oraret.* .ADOMNÁN OF IONA. **Vita sancti Columbae**. In: REEVES, William (ed.). **Life of Saint Columba, founder of Hy, ninth abbot of that monastery**. Dublin: The University Press for Irish Archaeological and Celtic Society, 1857, p.144.

montanhas, mas ela opera também em outras esferas: servia de um obstáculo ao avanço da cristandade em um território que via somente contatos esporádicos com a nova religião, vindo principalmente do sul através da Nortúmbria⁶⁷.

[Parágrafo de uso interno] O restante deste capítulo é dedicado à análise de cada capítulo representativo de algum dos tipos de milagres mencionados no início desta seção. As duas linhas principais de investigação são as seguintes: o território abrangido na obra de Adomnán é vasto e detalhado. A clarividência de Columba é entendida, na perspectiva espacial, como uma estratégia de atuação, uma vez que permite ao santo estar no lugar em que sua ajuda é requerida com certa facilidade, mesmo que apenas em espírito, o que é mais do que suficiente e indica a potência de seus milagres. Este dado é de extrema relevância pois influenciou na maneira com que o autor organizou os lugares mencionados no texto. Eles estão dispostos, em primeiro lugar, de acordo com o tipo de milagre operado. Um mapa feito através do QGIS será utilizado na versão final deste texto para exemplificar as afirmações. Em segundo lugar, há a questão da descrição dos espaços. Há uma diferença sutil entre entender um espaço desconhecido e um espaço *do* desconhecido. No caso de nossa fonte, argumentamos que Adomnán se utiliza do segundo ponto na descrição de espaços que apresentem algum perigo. É o caso do *desertus marinus*, em que o espaço opera esta função de evocar o desconhecido. É, portanto um espaço especializado, de função clara e bem definida por Adomnán, e não é simplesmente um território inexplorado. Era um espaço privilegiado de provação voluntária para um cristão como Columba, operando uma função primordial na maneira com que Columba era retratado agindo sobre ele (por exemplo, mudando o curso de tempestades no mar e enfrentando animais que apresentavam perigo).

Ao aliar os dados da tabela com o mapa em anexo à dissertação, podemos traçar um quadro especializado da situação do fenômeno monástico irlandês ao final do século VI. Percebemos claramente a área de atuação e influência tanto de Adomnán como Columba e, ainda mais importante, os limites disso. Observamos que a posição de Iona, em destaque, corresponde a uma estratégia de evangelização, pois o monastério se coloca como um ponto de difusão do cristianismo para a região, tendo fácil acesso para a província dos pictos através dos diversos *lochs* da região. Podemos atestar essa informação ao observarmos a sequência de

⁶⁷ HUGHES. Kathlin. *Op.Cit.*, p.64-66.

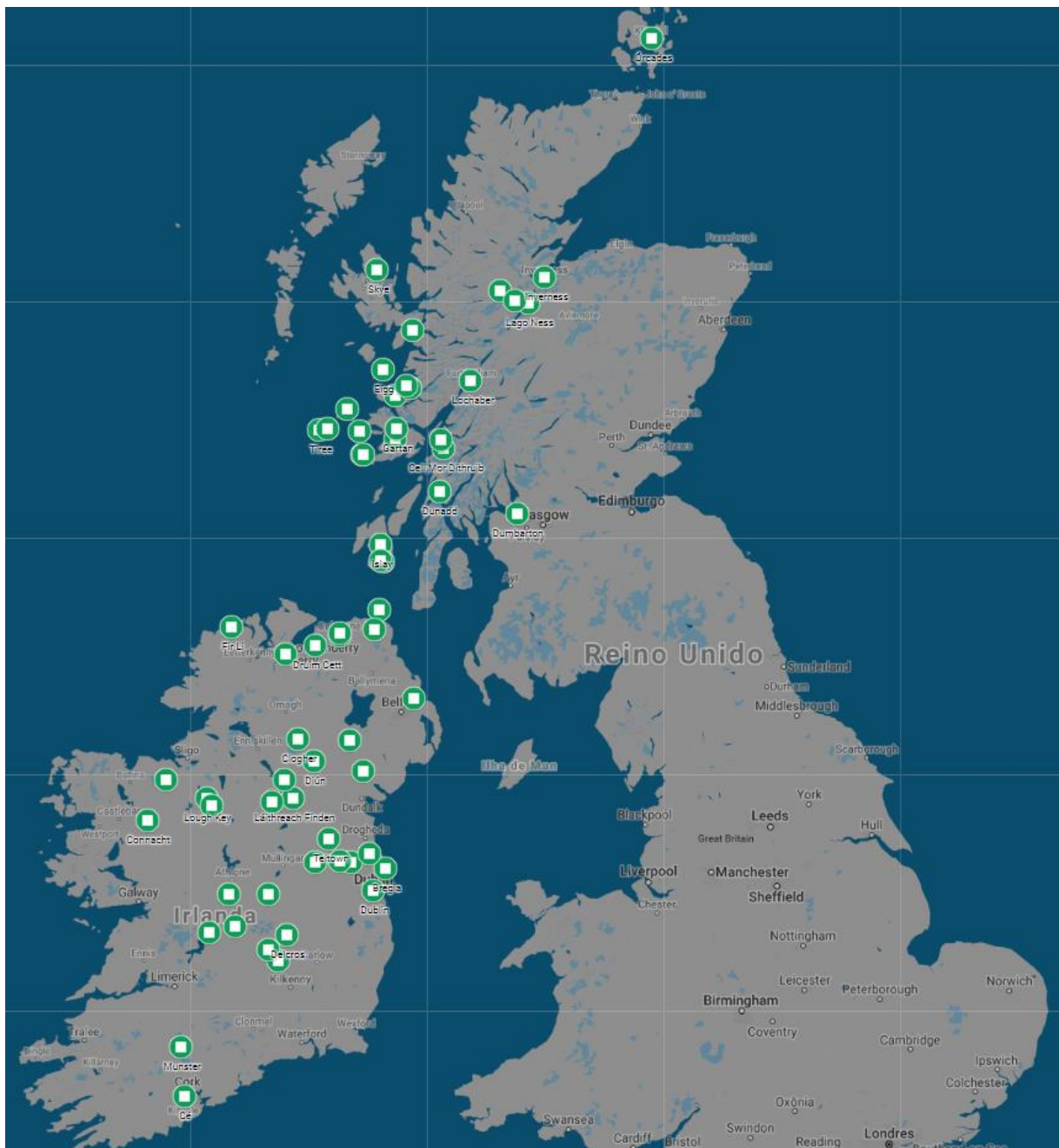
lugares citados ao longo do *loch* Ness, em que se traça basicamente uma linha entre Iona e Inverness.

Com isso, também podemos imputar o seguinte pensamento: ainda que o espaço monástico, conforme discutimos anteriormente, prezasse por um discurso de ascetismo e isolamento, o que enxergamos na prática difere deste discurso. Basta observarmos o grande número de localidades ao redor de Iona, bem como a passagem de Columba por lugares que certamente não eram isolados, como Derry e Dublin. Este espaço é, portanto, contraditório em sua natureza: há uma discrepância entre o discurso e a prática, no que se refere ao isolamento e as provações do *desertus*, porém isso não significa que essa contradição anula cada um destes pontos. O espaço monástico de Iona, bem como o de lugares ligados ao monastério, nos demonstra em termos práticos o avanço do cristianismo ao norte.

É interessante notar que, para a realidade de Adomnán, todos estes lugares estão cercados de um *desertus*. Certamente não nos referimos a um deserto em sua concepção mais habitual, e sim ao mar. Conforme discutimos anteriormente, o autor transportou uma situação específica do monasticismo para a sua realidade, ao descrever o mar como possuidor das mesmas características de perigo e provação do deserto de Santo Antão. Ainda que fisicamente contraditória, essa situação fazia perfeito sentido para nosso autor, afinal, era necessário que existisse um espaço de enfrentamento e dificuldades próximo, ou cercando, o monastério de Iona.

Anexos

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019



Mapa 1.1 – Menções únicas a lugares citados na *Vita Columbae*